

Junto à ferrovia

Zofia Nałkowska

Tradução e apresentação de Sara Adriana Voltolini¹

Universidade Federal do Paraná

Apresentação

Zofia Nałkowska (1884-1954) é conhecida como a dama da literatura polonesa, escritora premiada mais proeminente do período entreguerras na Polônia. Na vida e na literatura foi uma mulher de vanguarda, feminista e liberal da juventude até a velhice. Nałkowska escreveu especialmente romances e também novelas, poesia e teatro; sua escrita realista é enriquecida pela análise psicológica dos personagens. Como mulher e como uma feminista ativa pela emancipação da mulher constrói personagens femininas em destaque em grande parte de sua produção artística.

Foi uma grande apoiadora de movimentos político-sociais, o que fez militando na Sociedade de Ajuda aos Presos, na criação e desenvolvimento da Associação de Cursos para Adultos Analfabetos e em movimentos educativos e feministas.

Ganha seu título de dama da literatura polonesa como escritora e por seu papel central e atuação como primeira mulher na Academia Polonesa de Letras, membra do PEN Club Polonês e da Associação Profissional dos Escritores Poloneses. Foi uma grande anfitriã nos salões literários que promovia em sua casa em Varsóvia, reunindo importantes nomes da literatura polonesa e incentivando e apoiando novos escritores como Bruno Schulz e Witold Gombrowicz.

Após a Segunda Guerra Mundial é convidada a participar da Comissão de Investigação dos Crimes Alemães na Polônia registrando os relatos de testemunhas e visitando locais de crimes nazistas como os campos de concentração e extermínio. A partir desta experiência na Comissão e de suas vivências durante a guerra escreve sua obra mais conhecida: a antologia de contos *Medaliony*, que junto com seu *Diário dos tempos de guer-*

¹ Bacharela em Letras Polonês da UFPR. E-mail: sara_voltolini@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0001-8423-9446>.

A tradução é parte do Trabalho de Conclusão do Curso *A dama e seu florilégio: Zofia Nałkowska, "Medalhões"* que contém no seu anexo a tradução na íntegra do livro *Medaliony* de Zofia Nałkowska.

ra, formam a literatura de testemunho produzida pela autora. O conto “Junto à ferrovia” (Przy torze kolejowym) é extraído de *Medaliony*.

Nos anos após a guerra atuou especialmente como política, sendo deputada do Sejm e do Conselho Nacional, além de membra do Comitê Polonês da Paz. Até seus últimos dias, Zofia Nałkowska continuava uma vida altamente produtiva, escrevendo, participando de grupos literários e eventos sociais.

Junto à ferrovia

Uma ainda pertence àqueles mortos, a jovem mulher junto à ferrovia cuja fuga falhou. Só é possível conhecê-la hoje pelo relato de um homem que viu e que não consegue compreender, ela agora vive apenas em sua memória.

Os transportados para os campos de extermínio em vagões selados de longos trens às vezes fugiam pelo caminho. Mas não muitos ousaram tal fuga. Exigia-se coragem maior do que ir a uma morte certa, sem esperança, sem oposição ou revolta.

A fuga algumas vezes era bem-sucedida. Ninguém de fora poderia ouvir o que se passava dentro pelo estrépito ensurdecedor do vagão de gado apesado.

A única maneira era arrancar tábuas do assoalho.

A empreitada parecia quase irrealizável para aqueles seres amontoados, famintos, fedorentos e sujos. Era difícil até se mover. Aquela massa humana compacta, abalada pelo ritmo impetuoso do trem, cambaleava e era sacudida às escuras no fedor sufocante. Porém aqueles – débeis ou medrosos demais – que não podiam nem sonhar em fugir, compreendiam que deveriam facilitar aos demais. Afastavam-se, apertavam-se, levantavam os pés encharcados de excrementos para abrir aos outros o caminho à liberdade.

Levantar um lado da tábua já era o princípio da esperança. Para arrancá-la era necessário um esforço coletivo. Durava horas. E logo tinha que arrancar uma segunda e uma terceira tábua.

Os que estavam mais perto se inclinavam sobre a estreita abertura e retrocediam com medo. Era preciso coragem – tatear alternando mãos e pés – arrastar-se até o exterior pela estreita fenda em cima do barulho e grunhido do ferro, entre as rajadas de ar que sopravam por baixo, sobre os dormentes que passavam correndo; logo alcançar o eixo e agarrando-se a ele, deslizar com os braços até o ponto de onde um salto oferecia alguma possibilidade de salvação. Os métodos eram vários – para cair entre os trilhos ou entre as rodas na beira da via. E depois voltar a si, rolar sem ser visto pelo terreno e fugir até um bosque desconhecido e tentador por sua escuridão.

Os fugitivos caíam embaixo das rodas e frequentemente morriam na hora. Morriam golpeados por uma viga saliente, pelo canto de um parafuso, lançados com velocidade contra um poste de sinalização ou uma pedra. Ou quebravam pernas e braços expostos neste estado a toda espécie de crueldade por parte do inimigo.

Quem se atrevia a descer no barulhento, trepidante e estrondoso abismo sabia a que se expunha. E quem ficava também sabia – embora não houvesse meio de espreitar pela porta selada nem pela janela alta.

A mulher que estava junto aos trilhos era parte dos corajosos. Foi a terceira entre aqueles que desceram pela abertura do assoalho. Atrás dela rolaram mais alguns. Naquele instante soou uma rajada de tiros acima da cabeça dos viajantes como se algo tivesse explodido no teto do vagão. E de repente os tiros cessaram. Mas os transportados podiam olhar agora o oco escuro de onde arrancaram as tábuas como a entrada de um túmulo. E percorrer tranquilos adiante na direção da própria morte que lhes esperava no limite do caminho.

O trem há tempo desaparecera na escuridão junto com sua fumaça e estrépito, à volta estava o mundo.

O homem que não consegue compreender e não consegue esquecer relata mais uma vez.

Ao amanhecer, a mulher ferida num joelho estava sentada na encosta da trincheira da ferrovia sobre a grama úmida. Alguém conseguira fugir, outro mais adiante dos trilhos perto do bosque jazia imóvel. Alguns fugiram, dois estavam mortos. Ela era a única que ficara assim – nem viva, nem morta.

Quando a encontrou, ela estava só. Mas pouco a pouco apareceu gente naquele ermo. Vinham dos lados da olaria e do povoado. Detinham-se temerosos, olhavam de longe – operários, mulheres, algum menino.

De vez em quando formavam-se pequeninas rodas de pessoas, que em pé olhavam inquietas para trás e depressa partiam. Outros chegavam, mas também não se detinham mais. Murmuravam entre eles, suspiravam e do mesmo jeito deliberavam partindo.

O caso não sugeria dúvida. Seu cabelo encaracolado e preto brilhante estava desgrenhado de um modo claro demais, seus olhos negros e inconscientes transbordavam-se demais sob as pálpebras caídas. Ninguém expressou nada a ela. Foi ela quem perguntou se aqueles perto do bosque estavam mortos. Descobriu que estavam mortos.

Era um dia claro, um lugar aberto e visível de longe em todas as direções. As pessoas já estavam inteiradas do caso. O tempo era de terror exasperado. Ameaçava-se com morte certa por dar ajuda ou abrigo.

Um jovem se deteve um pouco mais, depois foi adiante uns passos para voltar de novo, ela pediu que lhe trouxesse um sedativo da farmácia. Deu dinheiro. Ele recusou.

Por um momento ela permaneceu de olhos fechados. De novo sentou-se, moveu a perna, sustentou-a com as duas mãos, afastou a saia do joelho. As mãos estavam ensanguentadas. Essa sentença de morte contra ela aprisionada no seu joelho era como um prego que a mantinha presa ao solo. Permaneceu calma um longo tempo, fechou as pálpebras com força de seus olhos negros demais.

Quando finalmente os abriu, viu caras novas ao seu redor. Mas aquele jovem ainda estava ali. Então pediu que lhe comprasse vodca e cigarros. Ele fez o favor a ela.

Um pequeno grupo na encosta do aterro chamava a atenção. Constantemente alguém novo se juntava. Ela estava estendida em meio as pessoas, mas não contava com ajuda. Permanecia como um animal ferido na caçada que esqueceram de arrematar. Estava bêbada, cochilava. A força que a separava de todos eles por um círculo de pavor era irresistível.

Passava o tempo. Uma velha camponesa que fora, voltou a tempo. Ofegava. Aproximou-se, tirou debaixo do lenço escondidos uma caneca de leite e um pão. Inclinou-se, colocou apressadamente nas mãos da ferida e já saiu, para de longe olhar se bebia. Somente quando viu dois policiais vindo na direção da vila, desapareceu com o rosto coberto pelo lenço.

Os outros também se dispersaram. Só aquele arguto provinciano que trouxe vodca e cigarros mantinha-se ainda lhe fazendo constante companhia. Mas ela já não queria mais nada dele.

Os policiais se aproximaram sérios para ver o que era aquilo. Compreenderam a situação, deliberavam a meia voz sobre o que deveriam fazer. Ela exigiu que atirassem nela. Discutia com eles a meia voz pedindo que não informassem a ninguém. Não se decidiram.

Eles também saíram conversando, detendo-se e de novo indo adiante. Não se sabia o que decidiriam. Porém no final não quiseram realizar sua exigência. Ela percebeu que os acompanhava aquele jovem cortês, que ofereceu a ela fogo com um isqueiro que não queria acender. E a quem ela dissera que um dos dois mortos perto do bosque era seu marido. Pareceu que essa notícia fora desagradável a ele.

Tentou beber o leite, mas em seguida pensativa, deixou de lado a caneca na grama. Um dia pesado e com vento se alongava no início da primavera. Estava frio. Do outro lado do campo vazio se erguiam pares de casinhas; no outro extremo alguns pequenos e magros pinheiros varriam o céu com os galhos. O bosque para onde deveriam fugir começava mais longe da ferrovia, fora da sua vista. Esta terra vazia que contemplava era para ela o mundo inteiro.

O jovem regressou. De novo bebeu vodca da garrafa e ele lhe deu fogo para o cigarro. O crepúsculo claro e mutante cobria o céu a leste. No oeste, nuvens amontoadas e condensadas subiam bruscamente.

Novas pessoas paravam voltando do trabalho. Quem estava a mais tempo explicava aos novos o que acontecera. Falavam assim como se ela não pudesse ouvi-los, como se já não existisse.

— Aquele lá morto é seu marido – disse uma voz feminina.

— Fugiram do trem até o bosque, mas atiraram neles com carabinas. Mataram seu marido e ela está caída aqui sozinha. Acertaram seu joelho, não pode continuar fugindo...

— Se estivesse no bosque, seria mais fácil levá-la para algum lugar. Mas assim, a vista das pessoas, não há um jeito.

Disse aquela velha mulher que viera recolher sua caneca. Em silêncio olhou para o leite derramado na grama.

Ninguém quis tirá-la dali antes do anoitecer, nem chamar um médico, nem a levar a estação de onde poderia ir a um hospital. Nada disto estava previsto. A única questão era de que morreria, de uma forma ou de outra.

Quando ao anoitecer abriu os olhos, não havia ninguém além dos dois policiais que voltaram e aquele que de jeito nenhum se afastava. De novo disse que atirassem, mas sem confiar que o fariam. Cobriu os olhos com as mãos para não ver mais nada.

Os policiais ainda hesitavam sobre o que deveriam fazer. O primeiro persuadia o segundo. Este respondeu:

— Faça você mesmo.

Mas ela ouviu a voz daquele jovem:

— Então deixem comigo...

Debatiam ainda e discutiam. Abaixo de uma pálpebra entreaberta viu que um policial desembainhou o revólver e o entregou ao desconhecido.

As pessoas, reunidas num pequeno grupo afastado, viram que se inclinou sobre ela. Ouviram um disparo e voltaram-se escandalizados.

— Podiam ter chamado alguém, mas não assim. Assim como um cachorro.

Quando caiu a noite, duas pessoas saíram do bosque para levá-la. Foi difícil encontrar o lugar. Pensavam que dormia. Mas quando um deles tentou levantá-la passando a mão debaixo das costas, compreendeu de imediato que se tratava de um cadáver.

Ainda estava lá a noite toda e na manhã seguinte. Até que antes do meio-dia veio o prefeito com alguns homens, mandou retirá-la e enterrá-la com aqueles outros dois homens junto à ferrovia.

— Mas por que ele atirou, não está claro – disse o narrador – Isto não consigo compreender. Exatamente ele, sobre quem poderia se pensar que tivesse pena dela...

Przy torze kolejowym

Należy do tych umarłych jeszcze jedna, ta młoda kobieta przy torze kolejowym, której ucieczka się nie udała.

Daje się poznać już dziś tylko w opowiadaniu człowieka, który to widział i który nie może tego zrozumieć. I żyje też już tylko w jego pamięci.

Wiezieni długimi pociągami w zaplombowanych wagonach do obozów zniszczenia uciekali niekiedy po drodze. Ale niewielu się na taką ucieczkę ważyło. Wymagało to odwagi większej, niż tak bez nadziei, bez sprzeciwu i buntu jechać na pewną śmierć.

Ucieczka udawała się niekiedy. W ogłuszającym łoskocie pędzącego towarowego wagonu nikt z zewnątrz nie mógł usłyszeć, co się w środku dzieje.

Jedynym sposobem było wyłamanie desek z podłogi wozu.

W ciasnocie stłoczonych ludzi, zgłodniałych cuchnących i brudnych, rzecz zdawała się prawie niewykonalna. Trudno było się nawet poruszyć. Zbita masa ludzka, miotana rwącym rytmem pociągum zataczała się i kołysała w dławiącym zaduchu i ciemności. Jednak ci - zbyt słabi i lękliwi - którzy nie mogli marzyć o ucieczce, rozumieli, że innym trzeba to ułatwić. Odchylali się, przywierali do siebie, unosili powalane nawozem stopy, by otworzyć drogę do wolności innym.

Podważenie deski z jednej strony było już początkiem nadziei. Trzeba ją było oderwać zbiorowym wysiłkiem. To trwało godziny. A wtedy zostawała do oderwania druga i trzecia deska.

Najbliżsi pochylali się nad wąskim otworem i cofali z lękiem. Trzeba było zebrać się na odwagę, by - próbując rękami na przemian i nogami - wypełznąć przez wąską szczelinę ponad łomotem i zgrzytem żelastwa, w wicherze dmącego spodem powietrza, ponad przemykającymi podkładami - dopaść osi i w tym uczeple przepelznąć rękami do miejsca, w którym skok dawałby prawdopodobieństwo ratunku. Wypaść pomiędzy szyny lub poprzez koła na brzeg toru - różne były sposoby. A później oprzytomnieć, stoczyć się niewidzialnie z nasypu i uciekać w obcy, nęcący ciemnością las.

Ludzie wpadali pod koła i często ginęli na miejscu. Ginęli, uderzeni wystającą belką, kantem zasuw, rzuceni pędem o słup sygnału czy przydrożny kamień. Albo łamali ręce i nogi, wydani w tym stanie na wszelkie okrucieństwo wroga.

Tym, którzy wazyli się zestąpić w huczącą, rozpędzoną, łomoczącą czeluść, było wiadomo, na co idą. I wiadomo było tym, co zostali - chociaż z zasuniętych drzwi ani z wysokiego okienka nie było sposobu się wychylić.

Kobieta leżąca przy torze należała do odważnych. Była trzecią z tych, którzy zestąpili w otwór podłogi. Za nią stoczyło się jeszcze kilku. W tej samej chwili nad głowami podróżnych rozległa się seria strzałów - jakby coś wybuchało na dachu wagonu. I zaraz strzały umilkły. Ale jadący mogli teraz patrzeć na ciemne miejsce po wyrwanych deskach, jak na otwór grobu. I jechać spokojnie dalej w stronę własnej śmierci, która czekała ich u kresu drogi.

Pociąg od dawna zniknął w ciemnościach ze swym dymem i łoskotem, naokoło był świat.

Człowiek, który nie może zrozumieć i nie może zapomnieć, opowiada to jeszcze raz.

Gdy się rozwidniło, kobieta, ranna w kolano, siedziała na zboczu rowu kolejowego, na wilgotnej trawie. Ktoś zdołał uciec, ktoś dalej od toru, pod lasem, leżał bez ruchu. Uciekło kilku, zabitych było dwóch. Ona jedna została tak - ani żywa, ani umarła.

Gdy znalazł ją, była sama. Ale powoli zjawiali się ludzie w tym pustkowiu. Nadchodzili od strony cegielni i ode wsi. Stawali lękliwie, patrzyli z oddalenia - robotnicy, kobiety, jakiś chłopiec.

Co chwila tworzył się niewielki wianuszek ludzi, którzy stojąc oglądali się niespokojnie i prędko odchodzili. Przychodzili inni, ale też nie zatrzymywali się dłużej. Rozmawiali z cicha między sobą, wzdychali, jakoś się naradzali odchodząc.

Rzecz nie nasuwała wątpliwości. Jej kręte krucze włosy były rozczochrane w sposób zbyt wyraźny, jej oczy przelewały się zbyt czarno i nieprzytomnie pod opuszczonymi powiekami. Do niej nie odezwał się nikt. To ona zapytywała, czy ci, co leżą pod lasem, nie żyją. Dowiedziała się, że nie żyją.

Był biały dzień, miejsce otwarte, z dala zewsząd widoczne. Ludzie zwiedzili się już o wypadku. Czas był wzmożonego terroru. Za danie pomocy lub schronienia groziła pewna śmierć.

Jednego młodego człowieka, który stał dłużej, później odszedł na parę kroków i znowu wrócił, poprosił, by przyniósł jej z apteki weronału. Dała pieniądze. Odmówił.

Chwilę leżała zamknąwszy oczy. Znowu usiadła, poruszyła nogą, ujęła ją w obie ręce, usunęła z kolana spódnice. Ręce miała zakrwawione. Ten wyrok śmiertelny na nią, uwięzły w jej kolanie, tkwił tam jak gwóźdź, którym przybita była do ziemi. Leżała długo i spokojnie, oczy zbyt czarne mocno zakryła powiekami.

Gdy je wreszcie odsłoniła, zobaczyła wokół siebie nowe twarze. Ale ów młody człowiek jeszcze stał. Wtedy poprosiła, by kupił jej wódki i papierosów. Wyświadczył jej tę przysługę.

Gromadka na zboczu nasypu ściągała uwagę. Wciąż ktoś nowy się przyłączał. Leżała pośród ludzi, ale nie liczyła na pomoc. Leżała jak zwierzę ranne na polowaniu, które zapomniano dobić. Była pijana, drzemała. Nieprzeparta była ta siła, która odgradzała ją od nich wszystkich pierścieniem przerażenia.

Mijał czas. Stara wieśniaczka, która była odeszła, zdążyła wrócić. Była zdyszana. Podeszła blisko, wyjęła spod chustki ukryty blaszany kubek mleka i chleb. Nachyliła się, pospiesznie włożyła to w rękę zranionej i zaraz odeszła, by tylko z daleka popatrzeć, czy wypije. Dopiero kiedy zobaczyła idących do miasteczka dwóch policjantów, zniknęła zasłaniając twarz chustką.

Inni rozeszli się też. Tylko ten jeden małomiasteczkowy frant, który przyniósł wódki i papierosów, dotrzymywał jej wciąż jeszcze towarzystwa. Ale ona nie chciała już od niego nic więcej.

Policjanci podeszli poważnie zobaczyć, co to jest. Zrozumieli sytuację, naradzali się półgłosem, co mają zrobić. Zażądała, by ją zastrzelili. Umawiała się o to z nimi półgłosem, byle nie dawali nigdzie znać. Nie byli zdecydowani.

Odeszli i oni, rozmawiając, przystając i znów idąc dalej. Nie było wiadomo, co postanowią. Ostatecznie nie zechcieli jednak spełnić jej żądania. Zauważyła, że poszedł z nimi ten uprzejmy młody, który podawał jej ogień do papierosów zapalniczką nie chcąc się zapalić. I któremu powiedziała, że jeden z tych dwóch zabitych pod lasem to jej mąż. Wydawało się, że ta wiadomość była mu nieprzyjemna.

Spróbowała napić się mleka, ale po chwili w zamyśleniu odstawiała kubek na trawę. Przetaczał się ciężki, wietrzny dzień przedwiosenny. Było chłodno. Za pustym polem stało parę domków, z drugiej strony kilka niedużych, chudych sosen zamiatało gałęziami niebo. Las, do którego mieli uciec, zaczynał się dalej od toru, poza jej głową. To pustkowie było całym światem, który oglądała.

Młody człowiek wrócił. Znowu popiła wódki z butelki, a on podał jej ognia do papierosa. Lekki, ruchomy zmierzch nasuwał się na niebo od wschodu. Na zachodzie kłęбки i smugi chmur wstępowały bystro ku górze.

Nowi ludzie przystawali, wracający z roboty. Dawniejsi objaśniali tych nowych, co się stało. Mówili tak, jakby nie słyszała ich wcale, jakby jej już nie było.

— To jej mąż tam leży zabity - mówił kobiecie głos.

— Uciekli z pociągu w ten las, ale strzelali za nimi z karabinu. Zabili jej męża, a ona się tu sama została. W kolano ją trafiło, nie mogła dalej uciekać...

— Żeby to z lasu, to by ją było łatwiej gdzie wziąć. Ale tak, na ludzkich oczach - nie ma sposobu.

To mówiła stara kobieta, która przysłała po swoją blaszaną kwartę. W milczeniu popatrzyła na mleko rozlane na trawie.

Tak więc nikt nie zapragnął zabrać jej stąd przed nocą ani wezwać doktora, ani odwieźć do stacji, skąd mogłaby pojechać do szpitala. Nic takiego nie było przewidziane. Szło już tylko o to, aby tak lub inaczej umarła.

Gdy otworzyła oczy o zmierzchu, nie było przy niej nikogo, prócz dwóch policjantów, którzy wrócili, i tego jednego, który już teraz nie odchodził wcale. Znowu powiedziała, by ją zastrzelili, ale bez wiary, że to zrobią. Obie ręce położyła na oczach, żeby już nic nie widzieć.

Policjanci jeszcze wahali się, co mają robić. Jeden namawiał drugiego. Tamten odrzekł:

— To ty sam.

Ale usłyszała głos tego młodego:

— No to dawaj pan mnie...

Drożyli się jeszcze i spierali. Spod uchylonej powieki zobaczyła, jak policjant wyjął rewolwer z futerału i podał nieznajomemu.

Ludzie, małą grupką stojący dalej, wiedzieli, że nachylił się nad nią. Usłyszeli strzał i odwrócili się ze zgorzaniem.

— Już mogli lepiej wezwać kogo, a nie tak. Jak tego psa.

Gdy zrobiło się ciemno, wyszło z lasu dwóch ludzi, żeby ją zabrać. Z trudem odnaleźli to miejsce. Myśleli, że śpi. Ale gdy jeden wziął ją pod plecy, zrozumiał od razu, że na do czynienia z trupem.

Leżała tam jeszcze całą noc i poranek. Aż przed południem przyszedł sołtys z ludźmi i kazał ją zabrać i zagrzebać razem z tamtymi dwoma, zabitymi przy torze kolejowym.

— Ale dlaczego on do niej strzelił, to nie jest jasne - mówił opowiadający. - Tego nie mogę zrozumieć. Właśnie o nim można było myśleć, że mu jej żal...

REFERÊNCIA

NAŁKOWSKA, Zofia. Przy torze kolejowym. In: NAŁKOWSKA, Zofia. *Medaliony*. Wrocław: Siedmioróg, 2017. p. 31-36.